

O capitalismo no mundo vindouro

Com seu “gráfico de elefante”, Branko Milanovic ilustra claramente os efeitos econômicos da globalização. O tronco afunda-se radicalmente ao meio, representando a riqueza da classe média ocidental, oca mais do que qualquer categoria de rendimento. Naturalmente, o pico mais alto é a ponta do tronco, que representa o super-rico, cujos ganhos nunca foram tão altos.

Milanovic, um economista de 64 anos, é um dos maiores especialistas mundiais em desigualdade global e olha para o futuro. Durante sua visita a Roma para o Festival do Desenvolvimento Sustentável, ele explica suas previsões sobre o mundo vindouro a Massimo Franchi, jornalista do Manifesto Globale.

Professor Milanovic, no período do pós-guerra, a Europa reduziu a desigualdade e assegurou a prosperidade através da invenção do Estado de bem-estar público que apoiou as necessidades sociais. Será que já não é a receita certa hoje?

Deve mudar. O Estado Providência tornou-se obsoleto, uma vez que se assentava em três pilares que já não são sustentáveis. A primeira foi a educação, mas hoje, nos países mais ricos, atingiu um nível muito elevado e já não pode ser melhorada. A segunda foi a dos sindicatos, que estão agora em declínio e não podem representar os trabalhadores mais fracos. O terceiro baseia-se num imposto sobre o rendimento elevado, que já não pode atingir os níveis dos anos 60. O que precisamos hoje é de uma mudança filosófica, de igualdade de competências e de uma maior atenção à igualdade: por exemplo, educação pública gratuita, impostos elevados sobre os rendimentos das rendas e participação em empresas com trabalhadores accionistas.

Atribui grande importância ao aumento da riqueza na Ásia: o crescimento exponencial da China e da Índia está a ser transferido para os salários dos trabalhadores. Que consequências terá esta mudança para nós, europeus?

O crescimento do rendimento é simplesmente um facto numérico que tem consequências globais positivas. Um bilião e meio de pessoas estão ficando relativamente mais ricas, razão pela qual a globalização é considerada melhor no Vietnã do que em França. Os chineses estão a aproximar-se de níveis médios de rendimento, o que poderá ter efeitos positivos em relação ao fenómeno da deslocalização de empresas europeias. Dito isto, a globalização traz mudanças mesmo àqueles que não se mexem: as classes médias ocidentais são minadas, mesmo que a sua situação de rendimentos não tenha mudado, e este processo não pode deixar de ter consequências políticas e sociais.

O seu próximo livro intitular-se-á “Capitalism alone” e baseia-se no pressuposto de que hoje só temos um modelo económico. Se o capitalismo continua a produzir tais desigualdades inaceitáveis, você não acha que uma certa forma de comunismo poderia ressurgir como uma alternativa inevitável?

O mundo é demasiado complicado para se ater a um único modelo. Na verdade, já temos duas versões do capitalismo. O primeiro, que podemos definir como “capitalismo político”, é essencialmente o modelo chinês que considero ser o capitalismo total. A segunda é uma evolução do capitalismo original, que se tornou cada vez mais tecnocrático e autoritário através da globalização. Estes dois modelos competem e um dos dois está destinado a dominar, e penso que será o que dará mais atenção à componente laboral. Quanto ao comunismo, no meu livro, dou uma opinião negativa. É por isso que acho que ele não vai voltar. No entanto, considero que a desigualdade a longo prazo é insustentável e, por conseguinte, outros modelos são possíveis, se não mesmo desejáveis. Também porque a ideologia de “ganhar dinheiro”, de o ganhar a qualquer preço, está a pôr

em causa o valor universal da democracia. Parece agora que as eleições não podem ser ganhas sem corrupção, e a democracia não parece funcionar sem corrupção.

Por falar em eleições, o que pensa do resultado das eleições em Itália? A Lega e o Movimento 5 Estrellas têm um contrato com o governo que combina imposto único e renda básica. Você acha que isso é possível? Que efeito teria na desigualdade?

O “imposto plano” é uma ideia do século XIX que aumentaria claramente a desigualdade. Acrescentá-lo ao rendimento básico universal é algo muito estranho e pouco habitual, nunca aconteceu em nenhum país do mundo. É o resultado de um compromisso entre dois eleitorados muito diferentes. O imposto único é para os pequenos empresários do norte e o rendimento básico para os desempregados do sul. No entanto, ter em conta e manter as duas coisas separadas parece muito difícil. De um modo mais geral, penso que o resultado das eleições italianas tem algo em comum com os Estados Unidos e a França: Trump e Macron já lançaram uma combinação de medidas políticas populistas e pró-ricas.

Você que, até 2050, a origem de classe será o principal motor da desigualdade, e não a origem nacional. E esta métrica compreenderia a mesma composição que em 1850, no tempo de Marx, muito diferente do presente em que a origem territorial é preponderante. No entanto, afirma que o fenómeno da migração continuará a ser fundamental nos próximos anos.

Sim, porque o elemento territorial continuará a ser significativo e continuará a empurrar milhões de pessoas para a Europa e para o Ocidente. Por esta razão, os italianos terão de enfrentar um longo período de transição em que os migrantes económicos continuarão a chegar. Então, é claro, daqui a cerca de trinta anos, as origens das classes também serão mais relevantes, porque o que é actualmente a periferia do mundo, incluindo uma parte da África, será mais rico. Nessa altura, será necessário outro modelo.

Original: [Sin Permiso](#)